



# O Gaiato

5 DE OUTUBRO DE 1968

ANO XXV — N.º 641 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR: Padre Américo VALLES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE  
 PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## Calvário

Por dinheiro nenhum do mundo era possível o cuidado diário e permanente que os nossos doentes exigem, sobretudo os mais anormais e repelentes.

Pela madrugada inicia-se a faina. Eu não escrevo nem pinto a cor das fraldas. Não falo do cheiro que delas se exala. Muito menos, das lavagens a que é necessário proceder. Digo apenas que logo pela manhã começa um mundo de tarefas, que se repêtem vezes ao dia, vezes ao ano, sem jamais estarem concluídas.

Ora, quem anda nelas? Aqui o Manel, Sr. Daniel e o João de volta dos homens e rapazes paráliticos, alguns deles bem deficientes física e mentalmente. No sector feminino o trabalho é semelhante. Doentes amparadas por uma ou outra senhora labutam também sem desfalecer.

Na lavanderia é um vai-vém contínuo de roupa que entra, e de roupa que sai. Mas nem só a higiene é problema a resolver. A alimentação que tem de ser ministrada também o é. A ocupação das horas do dia igualmente constitui preocupação e fadiga...

No entanto, não quero referir-me hoje senão ao empenho generoso e abnegado dos doentes, que são obreiros duma Obra que é deles e por eles. Mesmo sem eles não era possível girar tão certo este mundo de inválidos. Eu mesmo não sei explicar-me o porquê desta constância.

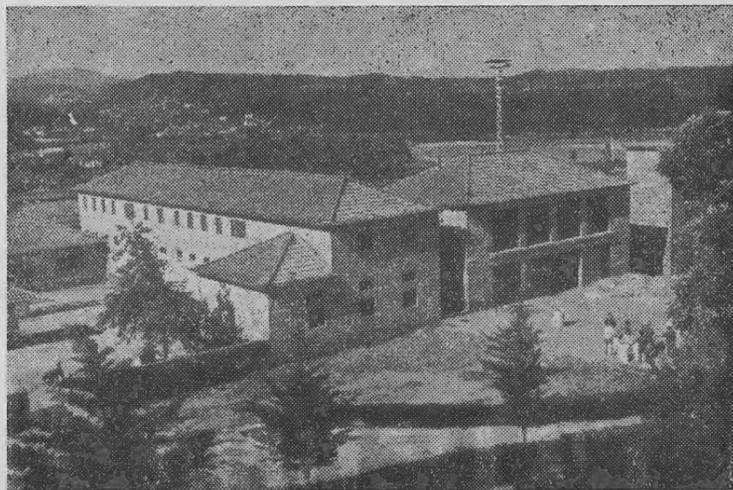
O Senhor está presente aos Pobres onde quer que eles se encontrem e chama a Si o cuidado deles e serve-Se tantas vezes deles para confundir os mais fortes e poderosos.

— Ai, eu não era capaz! — Oigo assim falar a muitos que entram para ver como isto é. Mas os doentes são. Aqueles de quem te compadecias na tua Conferência. Aqueles a quem entregavas tuas esmolas, hoje dão-te lição que não és capaz de repetir.

Amar é dar-mo-nos. Mas tu nem sempre te dás quando fazes esmolas. Por isso não amas. E só o amor é forte para realizar grandes coisas.

Gosto muito de ver estes doentes a trabalhar, dando-se até à última. Deus ama assim — dando-se. Como se devem sentir felizes estes doentes, quando virem que Deus amava por eles aqueles que aqui temos!

Padre Baptista



O casal-agrícola da «Casa do Gaiato de Beire», cuja formosa quinta serve, também, de berço ao «Calvário».

## MALANJE

Pus hoje no pescoço do André uma corrente de ouro com medalha de prata, que uma senhora lhe mandou, para reparar, diz ela, a corrida que um senhor respeitável lhe deu.

Este cordão liberta... e acusa. Só um caminho: tratarmo-nos uns aos outros como irmãos. Fora, é cavar-nos fossos que nos servirão de túmulo.

Pois, meu senhor, não trate os outros como inferiores. São iguais, por que homens e filhos de Deus.

Acordemos para o amor e a justiça.

Construamos, todos os dias, à nossa volta um mundo novo... onde todos os homens sintam e realizem os seus direitos e deveres.

x x x

Do que temos feito dou hoje alguma razão: Acabámos a barragem. Já lá temos água de sobra para a rega.

A casa 3 para 30 fica pronta esta semana. E logo mudar... que o Júlio anda mortinho por pôr as coisas na ordem. Muito esta tem sofrido por falta de condições. Um tecto branco, um

Cont. na SEGUNDA página

## Cantinho dos Rapazes

A aurora que despontava sobre aquela noite perdida, a pescar, trouxe à praia Alguém que interpelou os Apóstolos: — «Lançai as redes para o lado direito da barca e encontrareis». Assim fizeram eles e «já não podiam tirar a rede, por causa da grande quantidade de peixes».

O coração do «discípulo, a quem Jesus amava», adivinhou: «É o Senhor». E disse a Pedro. Vieram todos para terra. «E nenhum ousava perguntar àquele Homem: — «Quem és tu? — sabendo que era o Senhor».

No fim da refeição, «disse Jesus a Simão Pedro:

— Simão, tu amas-Me?

— Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.

— Apascenta os Meus cordeiros».

Disse Jesus semelhantemente, duas vezes mais; e Pedro, triste pela dúvida que pressentia na repetida pergunta (ou pela lembrança da sua tríplice negação), responde: — «Senhor, Tu tudo conheces: Tu sabes que Te amo».

E Jesus, prestes a ir-Se deste mundo para o Pai, entrega-lhe definitivamente o pastoreio das Suas ovelhas.

x x x

Não é a primeira vez que me ocorre este trecho do derradeiro capítulo do Evangelho de S. João, a propósito daqueles de vós que mais de perto partilham a nossa responsabilidade pastoral.

Aproximam-se agora as eleições de Chefe maiorial em duas das nossas comunidades. Volto a meditar nas características essenciais que deve ter o que for eleito. E, guardada a infinita distância que nos separa do Mestre, não posso deixar de reconhecer, no nosso caso, a fundamental validade da fórmula de investidura: «— Amas-me?... — Apascenta.»

Cont. na TERCEIRA página

Cont. da TERCEIRA página

## LOURENÇO MARQUES

Por

P.e José Maria

Como sabem, esta Casa que se chama do Gaiato é-o intrinsecamente, na medida em que é obra de rapazes, para e pelos rapazes. Mas não o é inteiramente no sentido em que ainda não dispõe de todos os recursos normais em ordem à formação dos mesmos. Não vou falar, que muito havia já a dizer, sobre o que vamos construir e é próprio duma comunidade grande, que ainda não somos e só existirá na ordem da grandeza do que materialmente estiver feito para a instalar. O assunto de hoje é outro, mas paralelamente fundamental.

Quantos cá vêm, gostam da nossa sala de jantar. Arrumada bem ou mal é diferente do vulgar. Dela espreitam a cozinha, onde encontram o Renato, que agora fez dezasseis anos e começa a deixar de ser criança, numa evolução muito retardada pelo raquitismo. Este rapaz é o responsável pelas três refeições do dia, de vinte companheiros e pela limpeza da sala e da loiça após

o café. A meio da tarde confecciona a merenda que é levada ao local de trabalho de cada um. É ele o último a deitar-se, após ter preparado as coisas para a primeira refeição seguinte, pois, habitualmente pensa e executa as refeições como lhe apraz, com o que tiver à mão.

Quantos cá vêm e olham que bem limpa a nossa Casa, ou mal limpa por vezes, e acham graça que seja o Ezequiel, agora treze anos feitos, e sózinho, a fazê-lo. E quantos nunca se aperceberam que temos uma rouparia, onde o Bino alfaiate tem de dar contas, várias vezes na semana, da roupa para os colegas, fora a de Domingo que requer cuidados especiais.

Há tempos que duas Senhoras — Mãe e Filha — semanalmente tomam a seu cargo os remendos, os botões e, não há muito até, o fazer uma remessa

Os postais estão a dar efeito. Acordam muita gente e resolvem problemas, charadas — com vista à perfeição da nossa célebre desorganização organizada!

Consoante a malta disponível, seguem deles pró correio. E, às vezes, são montes e montes! Antes não fôssem.

Vamos na letra C, terceira das dezasseis gavetas do ficheiro, com mais de 30.000 fichas ao activo. Quer dizer, os assinantes das letras A, B e C já receberam no ticias. E estão respondendo em cheio. Espumantes uns, tristonhos outros. Hossanas e, vá lá, poucas catanadas. Está admirado.

Temos pra nós que, neste particular, a voz do Leitor é mais persuasiva. Senão para o quê façam favor de botar os olhos no postal que segue:

«Embora assine o V. jornal, só por «devoção» desejo saber há quantos anos não pago a sua assinatura.

É que, de facto, há muito tempo que não pago, não porque não o desejo, mas sim por um pouco

# O nosso Jornal

de desleixo, cuja falta quero reparar.»

Difícil dizer tanto — tão bem — e em tão pouco! Sim, esta «devoção» identifica-se com o «Famoso». Assim todos a compreendam e vivam. É o «Famoso»!

Agora, notícias de Riachos:

«Sinto-me envergonhadíssima com o atraso que já tenho no pagamento da minha assinatura.

Sou a assinante número 1858 e não tenho tido possibilidades de fazer face às despesas que os meus encargos de família me obrigam.

Fiquei viúva já há alguns anos e com 8 filhos todos pequenos sem ter portanto nenhum a ganhar.

Estas férias, porém, tendo 2 empregados, resolvi do seu or-

denado pagar algumas contas em atraso e a primeira que quero pagar é a assinatura do meu querido jornal.

Leio-o sempre de ponta a ponta e serve-me sempre de meditação, não só a mim como a pessoas que convivem comigo.

Espero que me desculpem este atraso e que peçam por nós ao Senhor para que Este se digne ajudar-me a cumprir sempre a Sua Santíssima Vontade.»

O Óbulo da Viúva! Demos graças a Deus.

E a propósito, convem recordar — como esclarecimento — a velha norma que Pai Américo nos ditou, há muitos anos: o assinante paga quando, quanto, como e se puder. Isto é, caso não possa, só lhe resta comunicar. Porque nada, nada obsta à

remessa do jornal — salvo o não do leitor, do assinante.

Recentemente, Avelino foi mesmo imperativo. E compreendê-se — o ficheiro está a seu cargo:

«Dize às senhores assinantes que não podem para nos informarem. Assim, lançamos o recado na ficha — e não há trapalhadas.»

Aqui está o recado, com toda a simplicidade.

Mais uma carta. É da Capital:

«Um descuido imperdoável tornou-me «caloteiro» e eu nutro uma certa antipatia pelos caloteiros.

Não sei concretamente qual a minha dívida «oficial». Sempre que recebo «O Gaiato» tenho de o ler de ponta a ponta; de-leito-me com as notícias sobre a vida nas várias Casas que, graças a Deus, se vão espalhando por todo o nosso Portugal, mas distraí-me com o pagamento. Para evitar outro esquecimento envio-lhes nesta data por vale de correio de que junto o recibo, a quantia de 300\$00 para saldar o meu débito e pagar já o próximo ano. Se alguma coisa sobrar (eu julgo que sim) será para compensar o meu atraso e pagar por alguém que o não possa fazer.

Desculpem-me por favor o trabalho que lhes dei e creiam-me um amigo que sabe que por que muito que pague ficará sempre um grande devedor.»

Desde o descuido imperdoável, e o tenho de o ler de ponta a

ponta, até ao ser para compensar o meu atraso e pagar por alguém que o não possa fazer. es'a missiva é um belo quadro de delicadeza cristã. É o «Famoso»! Já que o «Famoso» somos nós e sois vós — em um compartilhar de Vida no seio do Corpo Místico de Cristo.

Júlio Mendes

## MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

chão limpo e rede nas janelas para dormirmos a noite em paz — pois cada dia é um mundo à nossa frente.

Começámos já a casa do Fernando; vêm-se já os buracos das janelas e, de dentro, o céu azul.

As nossas colheitas foram uma experiência prometedora: 55 mil de algodão, 30 mil de girassol e 22 mil de tabaco. Como é saboroso o pão que nós ganhamos!

Estamos agora preparando o passo para um grande salto: construir as oficinas e trazer a energia eléctrica de Malanje. Papel e contas... nem sequer tento fazê-las... Tenho fé. Sei que um dia surgirá o milagre!

Padre Telmo

## TRIBUNA de Coimbra

Temos sentido um certo acolhimento e muitos conimbricenses já se aperceberam das nossas aflições, agora aumentadas com a construção da casa para Lar em Coimbra.

O ambiente é de simpatia e a maior parte das pessoas que nos encontra pergunta pelas obras. Têm-se estendido muitas mãos e têm-se aberto muitos corações:

Cem em acção de graças pelo irmão que luta no Ultramar; mil e assinatura de Senhora vizinha; vinte de uma estudante; cem em cheque de sacerdote do Alto Alentejo; vinte de uma professora que estava em S. José; 40; mais 20; mais 20 numa reunião; mil de Lisboa para Manuel e nossas obras; cem em carta de Leiria; cem de um irmão em Cristo; «uma pecadora» oferece cem para uma telha; um jovem médico alentejano veio trazer-nos uma lata de azeite.

Cem na minha mão para os Pobres; sessenta e roupas levadas ao Lar; embrulhos de roupas e calçado; cem de multa por um abuso; cem no Castelo para celebrar por alma de Alguém; quatrocentos das Amiguitas; cem de Leiria pelo exame dum filho; cinquenta no Castelo de «um universitário»; cinquenta a um vendedor, cinquenta a outro e o mesmo a outro; mil, cinquenta e vinte à porta de Santa Cruz. Sempre que posso, passo por aquela igreja. Aproveito para rezar e muitos aproveitam para amar

com o que nos escondem na mão.

Cinquenta no Lar; cem na procissão da Rainha Santa; vinte à porta dum café; mil levados ao Lar «para umas pedrinhas»; cinquenta do Porto, a recordar o dia de Pai Américo e vinte de Coimbra com a mesma intenção; quinhentos pelo exame da filha; cem dum universitário que foi ao Lar; cem pelo bom resultado do exame dum sobrinho; cinquenta dum sacerdote e cem doutro de visita às obras; vinte para um tijolo; duzentos na Missa do 7.º dia, por bom Amigo; vinte para os Pobres.

Quinhentos para o Calvário; mil, trinta e peixe na Praia de Mira. É um advogado que reparte do seu pão sacrificado; cinquenta no Castelo; dois sacos de café dum lar, levado ao nosso Lar; roupas e cem dum casal que foi há anos à procura de vida para a Suíça. Todas as vezes que vem à Pátria-Mãe vem carregado com mimos para os Pobres. O filho mais novo estava muito admirado por haver em Portugal crianças abandonadas.

Embrulhos no Castelo; cem de um amigo que ia descansar; duzentos em carta no Castelo; mil e quinhentos de pai jovem que regressou de serviço militar; cinquenta e mais cinquenta dum grupo de cursistas; cinco mil em vale de Lisboa para a casa da Mãe parálitica que tem 9 filhos; cem no Castelo para uma pedra mensal; cinquenta de

visitantes; cem de Mãe sempre amiga; cinquenta em frente de Santa Cruz; quarenta do Entroncamento para a Viúva; mais cartas do Entroncamento para Missas; quinhentos e setenta dum grupo que promete estar presente até ao fim das obras. Muito me têm alegrado vários grupos que prometem a sua presença.

Cem de sacerdote por uma caricatura; quinhentos de cinco meses; cem para uma telha, cem para as obras, cinquenta para um tijolo; cem, mais cem, mais cinquenta, mais sessenta, mais cem e mais cem de sacerdotes de visita às obras. Gostei muito de ambas as presenças e apelo para os sacerdotes da região, para que todos tenham uma pedra nesta casa. Cinquenta numa Escola de Coimbra; duzentos das Caldas da Rainha; vinte em carta; vinte em carta de alguém a caminho de Angola; cem, mais cem, mais vinte em Santa Cruz; cem em Lobazes; mil por Alma do Irmão; quinhentos dum sacerdote que foi ver as obras; cem para uma telha de Cruz da Beira; vinte e selos em carta de Coimbra.

Mil que fomos buscar a casa de quem nos chamou; seiscentos e um fato por alma do marido; vários visitantes; visitantes de Vila Verde deixaram 243\$50; as senhoras de Lisboa que costumam todos os anos vir dar a mereada, vieram no domingo. Puseram a mesa e serviram e comeram com lágrimas nos olhos. Elas já não podem passar sem dar e receber este mimo. Deixo aqui a lembrança às Senhoras de Coimbra. A visita e mil dum Engenheiro de S. Martinho do Bispo; quinhentos para uma pedra de Professor Primário que nos encontrou junto ao Liceu. Ele aparece muitas vezes; vinte trazidos por uma criada de servir; vinte, mais vinte, numa reunião.

Vamos continuar com as nossas obras e esperamos ter pão e o indispensável para todos os que nos estão confiados.

Padre Horácio

## Aqui, LISBOA

As férias estão a findar e a vida retoma o seu ritmo normal. As escolas estão prestes a reabrir as suas portas. As sementeiras do outono preparam-se com as lavouras de fim de verão. As obras em curso aceleram-se, na medida do possível, em vista da chuva que a época próxima supõe e de forma a permitir o trabalho a coberto. As oficinas readquirem a feição habitual. O retiro do ano precederá o recomeço das catequeses. Tal como o fluxo e refluxo das marés e a sucessão dos dias e das noites, no viver de uma Casa do Gaiato como na existência dos Homens, as situações repetem-se ou equivalem-se periodicamente.

A quem nos pergunta com que material humano acudimos às responsabilidades inerentes ao governo de uma família a passar de cem pessoas, com oficinas, lavoura e obras, etc., à mistura, parece-lhe impossível haver um só sacerdote e uma só senhora permanentemente na brecha. Mas o que se julga impossível tem de ser realidade e, por isso, é que o tempo escasseia para atender outros assuntos ou problemas. Às vezes, as coisas vistas à distância e sem o prisma da responsabilidade podem parecer diferentes, mas essa visão é deturpada e irreal. Na vida do padre da rua sucedem-se os mais variados

quadros e emoções, no mesmo dia ou até na mesma hora: alegrias e satisfações, certezas e dúvidas, ansiedades e preocupações, correcção e estímulo, castigo e aprovação, orientar o dia a dia da Casa e granjear o sustento, cuidar da alma e assistir ao corpo, curar na doença e defender a saúde, subir a um andaime e limpar a descida um nariz emporcalhado, etc., etc.. Tudo isto é belo, sem dúvida, mas não se compadece com esforços sincopados; é preciso mergulhar totalmente e beber muitas vezes o fel nesta vida duplamente vivida para quem quer servir em pleno os Irmãos.

Para dizer a verdade, muito nos ajudam a compreensão e a amizade de muitos Amigos. que nos estimam e amam verdadeiramente. Pobres como somos, subindo embora que com o Mestre todo o jugo é suave, sentimos estímulo que nos vem da família de fora, às vezes para contrapor às agruras, aliás bem merecidas pelos nossos pecados, que nos surgem de dentro. Para Eles, os nossos Amigos, vai hoje este desabafo e o obrigado pelo apoio recebido no constante recomeçar de vida que é a nossa luta de educadores e de padres da rua.

Padre Luís





A FAMÍLIA DA CASA DO GAIATO DE LOURENÇO MARQUES

## Lourenço Marques

Continuação da PRIMEIRA pág.

de novas colchas. Quando não podem vir levamos a sua casa. Estas senhoras observaram, mediram as nossas possibilidades e decidiram. Deram no vinte, como diria Pai Américo.

Que sejam rapazes a executar estas tarefas, nada de especial há nisso. É o rival das nossas Casas obra deles e por eles. Que eles as façam sem a mão feminina a orientar, a dar o toque. É que é de admirar! E não temos nós ainda os batatinhas — um

da gira familiar para os mais pequeninos — que além de outros cuidados mais atentos, precisam de colo e beijos!

Quero afinal dizer: nós precisamos duma Senhora. Uma Senhora inteligente, activa, com entranhas de Mãe para pequeninos e grandes. Que se baste com a nossa pobreza e se enriqueça dos bens e erros. Senhora nem muito nova, nem de muita idade; nem sem ideal, nem com frustrações. Livre. Livre de tudo e de todos para valorizar mais a sua doação no serviço dos outros.

Cont. da PRIMEIRA página

Amas-me... — a quem? — A Obra, com certeza! A Obra, que é Mãe, e vai confiar àquela novo chefe a custódia, a guia dos seus filhos. A Obra, que, quando faz, por palavras ou por obras, o faz em Seu Santíssimo Nome. A Obra, aliçada na «pedra angular» que é Jesus e que por isso mesmo participa dEle, da Sua vida prolongada entre os homens até ao fim do mundo — de tal sorte que amá-la é ainda amá-LO a Ele, condição de investidura no pastoreio dos Seus cordeiros e ovelhas.

Parece-me evidente ser assim. Ser chefe é ser cabeça de um corpo vivo. Como pode sê-lo quem não conhece, quem não ama o próprio corpo que encabeça?! O conhecimento e o amor geram a unidade. Sem eles, só aparentemente ela pode existir. Realmente há corte, há separação. E onde a cabeça separada do corpo o que acontece é morte.

Ora nós queremos vida; queremos um chefe para que haja mais vida, vida mais punjante na comunidade que ele guarda e guia. Queremos que ele saiba o significado profundo da missão que lhe cabe. Que não ande à deriva, mas que persiga uma meta bem definida, muito atraente para si, o que lhe dará fogo para ir «pegando» aos

outros o gosto desta atracção — tarefa bem difícil, porque ela é o amor dos outros e não há dele sem dor!

O chefe tem, pois, que ser um consciente da Obra: da sua natureza, dos seus fins, da sua mística — e o caminho que até aqui o trouxe foi provado, por certo, e há-de continuar a sê-lo, para que não estagne, mas progrida e leve os outros consigo na sua ascensão.

A propósito de Pedro, da sua tripla negação e da tripla confissão de amor que o investiu Vigário de Cristo, escreve S. Agostinho: «Se negar o Pastor foi indício de medo, apascentar o Seu rebanho é o ofício do amor. Quem age neste espírito, (...) apascenta as ovelhas de Cristo, não se serve a si próprio; procura a glória dEle, o domínio dEle; não se procura a si próprio. (...) E todo aquele que não tem vida de si mesmo, vai morrendo se não ama Deus no pastoreio das ovelhas que Ele lhe confiou».

É exigente, pois, a missão do chefe. Aqueles que procura-

# A nossa angústia

Sentei-me à mesa de trabalho para escrever para «O Gaiato». Vencido, porém, pelo cansaço, adormeci. Curto e agitado foi este meu sono.

É que não bastando a um pobre pai de família com várias dezenas de filhos, as suas preocupações do dia a dia na formação destes rapazes, para os tornar homens úteis, válidos para si e para a sociedade, homens que saibam discernir o bem do mal, há a angústia de ver todo o trabalho de doação total à sua formação, furtado pelos homens. Esta angústia, que faz doer, que faz perder o sono, está no facto de os ver abandonar a Casa que lhes serviu de família desde que a sua família os alijou.

Os anos de infância, o tempo do despertar para as realidades da vida, a iniciação na mesma vida, foram anos que nos marcaram, que nos fizeram amá-los cada vez mais. Porém, agora, com os seus 14, 15, e mais anos, estes rapazes precisam mais de nós do que nunca.

Visado pela  
Comissão de Censura

Podem ter a 4.ª classe. Podem, até, já ter um curso secundário. Podem ter uma formação profissional que lhes garanta ganhar honradamente o pão de cada dia. Mas, a Obra da construção do homem não está completa. Pelo contrário: é nestas idades que eles precisam mais de um pai que seja o Amigo, o Confidente, o Companheiro das horas de luta que terão de travar consigo mesmo. O ultrapassar as barreiras da infância e juventude não é fácil para eles, nem para aqueles que os acompanham. A formação do seu carácter, da sua sensibilidade, da sua consciência, numa palavra, a formação de homem integral é árdua luta que não podem travar sòzinhos. É também a idade das ilusões. A ansia de liberdade e de se realizarem só por si é uma tentação por que todos passam. Que o digam os pais de família conscienciosos que acompanham os filhos, não os coarctando na sua liberdade de Filhos de Deus, mas esclarecendo-os nas dificuldades da própria vida. Infelizmente, não pensam assim, para mal dos próprios rapazes, as suas famílias. Por isso, ultrapassada a idade escolar, guiados num trabalho profissional, são motivo de exploração, porque já podem ganhar dinheiro. Nesta ocasião cessam as impossibilidades da família que os não podia ter. Todas as razões alegadas para que os recebamos por falta de condições humanas de viver, ou por condições de miséria dos seus progenitores, tudo isto, cessou. O menino agora é um homenzinho. Já não dá trabalho, mas lucro. É fácil arranjar-lhe um emprego. O facto da sua formação humana não estar completa, não importa. O facto de ele poder ser alguém na sociedade, também não interessa. Interessa, sim, o lucro que eles lhes possam trazer.

Mas o drama maior passado por nós é quando sabemos de antemão, que o rapaz se vai perder. Este rapaz que nós arrancámos da rua e da miséria para que não seja amanhã um criminoso. Este rapaz voltando ao meio em que nasceu, terá muitas possibilidades de vir a ser aquele criminoso que tentámos evitar. Por isso recorremos, então, a quem de direito. Mas em vão, tantas vezes! As leis do sangue estão ainda muito confusas no nosso Direito. E impotentes, somos condenados a condenar aqueles rapazes. Mais tarde, se o pior acontecer, em nome de que lei os condenarão a uma cadeia, por anti-sociais?

Por isso, todo o meu sono é curto e agitado. E sê-lo-á enquanto os homens não quiserem ocupar seus lugares de Homens.

Padre Abraão

## Areias do Cavaco

Dez horas da noite marca o meu relógio. O silêncio torna-se senhor da comunidade. As luzes das camaratas encontram-se apagadas, excepto naquela onde eu, debruçado na minha mesinha de cabeceira, que noite me serve de mesa de trabalho, ao papel branco e maciço, vou transmitindo a expressão do meu pensamento.

De repente, como se estivesse a ser dominado por uma força paralizante, deixo de escrever; fico mergulhado em meditação. meu olhar espalha-se abrangendo por inteiro a camarata, onde meus companheiros, sobre os seus leitos, vão descansando das fadigas de mais um dia de trabalho. Que belo cenário!

E, essa beleza adquire grau superior, quando amanhã, ao despontar um novo dia, abafado pelo raiar do sol — característica do clima tropical — a pele morena vai tornando àqueles que debaixo dele, trabalharão no acarretar de estrume para os bananais, na limpeza dos referidos e dos canteiros cheios de legumes, para que melhor colheitas possamos ter.

A labuta faz-se distribuir pelos demais sectores. Cangulos vão transportando, pela acção dos rapazes, a pedra, a areia, o cimento e a massa para o armazém em construção, enchendo-se assim mais uma placa. O esqueleto do tecto do referido armazém está pronto, graças ao contributo dos nossos serralheiros. Os caboucos das escolas abertos estão; as pocilgas em fase de acabamento; dando-se, assim, mais um passo em frente na concretização da nossa futura Aldeia.

Continua na QUARTA página

## Cantinho DOS RAPAZES

ram sê-lo na linha da autenticidade, sabem-no bem. Aqueles que vierem a sê-lo, não o desejem, mas preparem-se e aceitem, quando a eleição recair sobre si.

Julgo que seria omissio senão acrescentasse que no «amas-me» — condição de todo o primado espiritual — está incluída também a amizade entre o padre que é o primeiro pastor, em nome de Cristo, em cada uma das nossas comunidades e o chefe-maioral, seu «outro-eu», seu mais firme apoio.

O amor consciente da Obra é fundamental. Mas o amor fraterno ao padre da Casa é uma incarnação daquele amor. Ele gerará a confiança que os há-de ajudar a prosseguir sem desfalecimento a realização da tarefa comum em ordem ao mesmo fim. E nem que não brote espontânea, a amizade rebentará do espírito de equipa que, a identidade da missão e do fim, irá gerando ao longo do tempo.

Que neste espírito se forjem os elegíveis e se comportem os eleitores.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**OS NOSSOS POBRES** — Por amor da justiça e para desfazer equívocos — que o trabalho vicentino no meio rural, aparentemente mais simples, tem os seus problemas peculiares — resolvemos lançar um inquérito sumário — mas expressivo — às condições reais de subsistência dos nossos Pobres. Ainda não chegámos ao fim. É trabalho heroso. E compreende-se: além de mais, a verdade custa muito — e a muita gente. Daí, sem paternalismos e exigências, mas com os persuasivos trunfos de delicadeza, confiança e discrição, temos já em nossas mãos um quadro negro que nos apoquentá. Há Pobres, cujo rendimento *per capita*, incluindo a nossa oferta, não vai além de 5\$00 diários! Quer dizer, entem como hoje, a base da sua alimentação é o simples calde de couves galegas, quantas vezes sem *adubo* (azeite ou outras gorduras).

Ficamos por aqui. Mas havemos de tornar ao mesmo, se Deus quiser. Isto dá pano para mangas!

**O QUE RECEBEMOS** — Abre um Cliente da nossa Tipografia com 7\$50, remanescente da liquidação de um trabalho. Mais 25\$00 de uma Senhora muito amiga, de Santa Cruz do Douro. E 40\$00 da assinante 17022. Metade da minha Comadre, de Matosinhos. E 100\$00 com esta formosa legenda: «Como é costume, peço mais uma vez para não ser revelado o nome do ofertante nem a localidade donde proveio este donativo. E peço também a esmola de uma prece à Virgem Nossa Senhora por um grande pecador que nunca foi mais do que UM ZERO». E mais 20\$00 de A. F., do Porto, que nunca falta! Mais 50\$00 e mais 20\$ da assinante 17740. Finalmente, de Santarém, «uma pequena dávida (100\$00) por intenção dum Colega que acaba de nos deixar para se juntar a Deus Nosso Senhor».

E é tudo. Para todos, muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes



## Auto-Construção

Auto-Construção é um movimento que pretende estimular, orientar e ajudar o maior número de trabalhadores pobres a construírem as suas próprias casas. Pretende utilizar, o melhor possível, as horas livres dos trabalhadores, que se agruparão em equipas de seis, oito, dez ou mais elementos. Farão tantas casas quantas forem os elementos do grupo e, por princípio, no momento da construção, não sabem qual é ou será a sua própria casa. Também nenhum tomará posse da sua habitação sem que todas as do grupo estejam concluídas. Onde há horário de trabalho, usarão as horas livres que esse mesmo horário permitir; nalguns meios rurais, onde não há horário de trabalho, utilizam-se os longos serões nos meses do outono e do inverno. O trabalho, em equipa, torna-se muito menos penoso. Como regra, os Auto-Construtores ganham conhecimentos que valorizam a sua própria vida profissional. Será óptimo que os rapazes principiem a construir as suas casas, quando solteiros e, assim, na hora do casamento, levarem, como dote, à sua noiva uma casa construída de colaboração com outros trabalhadores e nos tempos livres que souberam utilizar. Estas casas serão depois estimadas, de uma maneira especial, pelas esposas,

pois, sabendo cada uma que vizinhas habitam vivendas construídas ao mesmo tempo, com a mesma perfeição e idêntica técnica — as plantas das casas de cada grupo são iguais — terão justa vaidade em as conservarem o melhor possível. É uma compreensível emulação. A experiência diz-nos que as casas auto-construídas são as mais bem conservadas em qualquer terra. Estas vivendas ficam propriedade plena dos Auto-Construtores, sem quaisquer encargos. Não há limitação alguma a esta propriedade. Sendo um trabalho em regime de cooperação, de mútua ajuda, qualquer pequena divergência é logo vencida. Ao começar há sempre um compreensível entusiasmo, o entusiasmo das primeiras horas; depois, como a obra é nossa, virá um certo desânimo; por último, quando se começa a ver o fim, aquele entusiasmo do princípio vai ao delírio, e os Auto-Construtores sacrificam-se até ao delírio. Casas feitas, são imediatamente distribuídas combinando ou deitando sortes. Chaves na mão e alegria de se viver em casa própria devida ao esforço próprio.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

## SETÚBAL

**PRAIA** — Não se fala noutra coisa! Há dias dizia o «Rouba-calças» para o Salazar: — Éh pá hoje há praia? Salazar respondeu: — Há. Mas tenho os calções rotos. — Então diz à senhora. — Ó! mas a senhora disse que não têm arranjo. Não terás por aí alguns amigo leitor? Este ano a praia foi para os mais pequenos. Nós, os grandes, que nos ocupamos da vida da Casa — uns nas oficinas, outros nas obras e outros na vida do campo — não pudemos lá ir; mas paciência. Dar tempo ao tempo como se costuma dizer.

**OBRAS** — O nosso Lar está nos acabamentos, depois de tantos sacrifícios por parte do Sr. Padre Acílio e de nós que nos fartamos de trabalhar. Há dias, dizia o Sr. Padre Acílio num dos seus artigos que o Lar de Setúbal é o final de um sonho de estruturação de uma obra sem portas. Portanto, amigo leitor, não te esqueças de nos ajudar neste grande sonho. Mesmo pouco que tenhas colabora, porque sabes que o pobre contenta-se com pouco. Contamos contigo. Não nos deixes sem vidros nas janelas.

**FUTEBOL** — A nossa equipa de futebol, a tal que tem o título de todos os títulos, e com algumas novas «estrelas» a estreiar, vai começar a época, porque, como eles dizem, já têm fome de bola! Mas já que falamos de futebol peço-vos chũteiras em nome de toda a famosa equipa. Para evitar que estraguemos os nossos sapatos, o campo e os próprios pés. Então não se esqueça, leitor amigo!

RUI

## MIRANDA DO CORVO

**RETIRO** — Mais uma vez se realizou o nosso retiro anual. Foi no habitual lugar da Sra. da Piedade de Tábuas. O estado do tempo não foi agradável; mas, em compensação, a solidão e o silêncio do local convidaram à meditação espiritual.

Este ano também se fizeram dois turnos conforme a idade e a capacidade de cada um. Embora a duração de cada grupo fosse de dois dias, cada um procurou assimilar ideias para que na vida prática pudesse vencer os problemas que sempre surgem. Mas o retiro não foi apenas dois dias, porque continua na nossa vida quotidiana.

Vários foram os temas abordados conforme a idade e os problemas a ela referentes. O pregador procurou tocar em todos os assuntos e até naqueles que os rapazes gostavam mais que se falasse ou que eram mais necessários.

No final do retiro todos estavam contentes porque sentiam dentro de si qualquer coisa que nem sempre se sente. O Senhor entrara no coração de todos e assim se sentiram mais ligados a Ele num grande abraço de amizade. Ninguém regressou arrependido porque o retiro torna-nos mais humildes e é sempre uma necessidade.

Mas a maior novidade foi a comunhão das duas espécies: o pão, transformado no corpo do Senhor e o vinho, tornado em Seu sangue. Foi uma novidade para todos porque nunca tínhamos comungado sob as duas espécies.

O retiro começou e acabou com a Santa Missa. Contudo há diferença entre a primeira e a segunda. Na primeira Missa há uma mudança de ambiente e um afastamento das outras pessoas. Na segunda já o ambiente é mais familiar, todos levam a alma limpa e assim assistem à Missa com mais devoção e entusiasmo. O abraço dado por todos antes da comunhão foi um banho de amor fraterno. Mal acabou a celebração, todos saíram felizes para melhor seguirem o ideal

que traçaram, para vencerem o seu maior defeito ou falta que durante o Ofertório colocaram sobre a Patena ou progredirem na sua melhor qualidade.

O retiro acabou. Que cada um que o viveu e assimilou o empregue durante estes passos até ao próximo retiro. Claro que quem semeia colhe e quem aproveitou, melhor saberá lutar e subjugar as contrariedades que a vida nos apresenta.

Estamos muito gratos ao Sr. Padre Joaquim Cardoso que foi o nosso pregador e que falou de maneira que todos compreendessem. O Sr. Padre Joaquim Cardoso foi o nosso pregador, mas foi ele o próprio a dizer que o maior pregador deste retiro foi Jesus Cristo.

Manuel Cesário

## LAR DE COIMBRA

Os poetas cantam belezas de terras coimbrãs... Isto foi... é. Pelos tempos futuros decerto continuará a ser.

Entre tanta beleza outra foi revelada ao mundo; e embora tenham corrido mais de 28 anos, ainda há muita gente, que se considera boa, e não se apercebeu da utilidade de tal revelação.

Falando de um modo mais realista:

Todos aqueles que seguem a vida da nossa Obra saberão que ela começou em Coimbra em 1932. Como Obra de Deus tinha que se expandir. Outros horizontes foram rasgados para a sociedade. Belezas ignoradas...

Em 1940 houve necessidade de dar satisfação aos anseios daqueles que outrora eram denominados «os vadios das ruas». Belezas ignoradas ansiosas por demonstrar que seriam gente de «bem» se lhe dessem oportunidades para tal.

M. Simão



Cont. na TERCEIRA página

Dentro de alguns dias temos à porta mais um ano lectivo. A ânsia de contactar com os velhos e novos companheiros, já é notada nos rostos dos nossos estudantes.

A sala de estudos, que também teve férias, dentro em bre-

Na cidade de Coimbra uma antiga residência das «Carmelitas descalças» serviu para o efeito. Com o decorrer dos tempos muitas particularidades foram desaparecendo. Mas apesar à primeira vista parecer uma casa grande não era na verdade uma casa própria para rapazes.

Eu, hoje ao serviço dos doentes do Calvário, mas que estive no Lar muitos anos, embora muitos nunca ousem sem dizer que tivesse sido uma personalidade de certo relevo, apesar disso posso falar aos queridos Amigos das dificuldades existentes para acomodar Rapazes empregados, estudantes do Colégio Pedro Nunes (que nos têm dado grandes facilidades) e alunos da Escola Nocturna. Nalgumas ocasiões, nomeadamente nos períodos de exames, muitas noites pouco se podia repousar nas horas próprias. Mesmo que muitas vezes estivessem dentro das preocupações dos outros eram forçosamente incomodados. Saberão o que é um comboio cujas carruagens têm ligação entre si? São exemplo as carruagens do velho Lar. Exagero? Ide ver, vereis se é verdade o que eu digo. Tantos epigódios passados... Tanta recordação a reviver. Outros, nem bom falar.

E para além do que para trás ficado será bom salientar as preocupações que deu o «bom amigo Lar». Desde o telhado até às paredes velhas e esburacadas. Os amigos já sabiam através de notícias vindas no nosso jornal, que foi lançada a grande oportunidade — a todos aqueles que viram à sombra do velho Lar — de dar um pouco em troca do muito recebido. Ao visitar as obras do novo imóvel verifico que é necessário termos bom Amigos para que tal empreendimento seja levado a bom termo. Resumindo: — Amigos de Coimbra: Têm a vossa oportunidade. Aproveitai-a quanto Deus vos pede! Amanhã se tarde!!

M. Simão



GRUPO DE FUTEBOL DA CASA DO GAIATO DE BENGUELA